

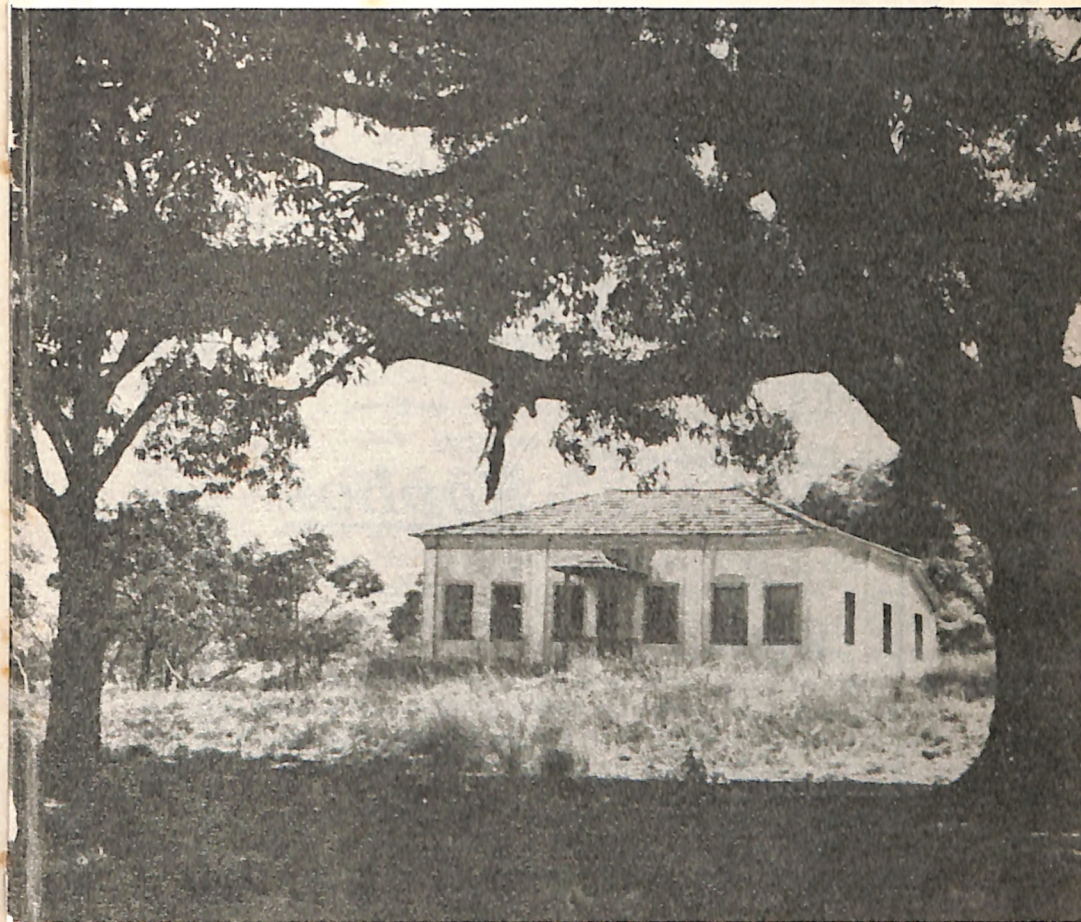
não se fez outra coisa pelo Brasil. Creio que se modificará o nome: estado de sítio passará a ser estado de fazenda. De sítio para fazenda há sempre um aumento, pelo menos do número de escravos.”

(*Diário Íntimo*)

Dizia-se mais *roda do Cavalcanti* porque ele era mais constante que Lima. Nesta roda, de quando em quando, passava um intelectual de grande piso, como Emílio de Menezes, Bastos Tigre, Raul Pederneiras, Calixto, J. Carlos, os caricaturistas que trabalhavam ou colaboravam ali na *Careta*, os humoristas, Álvaro Moreyra, muito jovem, Luiz Peixoto. Não aparecia nesta roda e nem noutras deste tipo, nenhuma figura feminina e nem mesmo as atrizes, entre as quais havia algumas muito inteligentes e cultas. E só há uma explicação: elas também não continuam aparecendo no tempo atual porque o teatro é uma das profissões mais absorventes, mantém a sua gente ocupada o tempo todo, dia e noite, ou em representações ou em ensaios. Havia, é verdade, pintoras e não em pequena quantidade, mas também só apareciam em encontros do tipo mais social, em reuniões de conferências, concertos, recitais, coquetéis e exposições, que já era intenso o movimento “cultural”. Não esqueça de pôr isso entre aspas.

“Convém recordar que até então não tínhamos tido verdadeiramente um editor nacional. Garnier, Briguiet e outros imprimiam na França. Uma que outra casa arriscava-se a imprimir vagos volumes, em geral mal impressos e pessimamente distribuídos. Éramos, também, um país sem leitores, e sem oficinas tipográficas. O resultado era um retraimento quase total dos que escreviam. Coelho Neto, o mais fecundo de todos, mandava seus originais para Portugal. Assim procedia João do Rio e tantos mais. O primeiro livro de Lima Barreto foi levado para a Europa por Antônio Noronha Santos e entregue ao editor A. M. Teixeira, em Lisboa.”

(*A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto, Edgard Cavalheiro*)



Casa da infância de Lima Barreto, na Ilha do Governador.  
(Foto José Cabral)